

[Trabalho 2200]
APRESENTAÇÃO ORAL

PAULO DO CARMO MARTINS¹; ALZIRO VASCONCELOS CARNEIRO²; PAULA LEAL DE OLIVEIRA
MARTINS³; LUCAS AGUIAR VASCONCELOS CARNEIRO⁴; GLAZIHellen EMÍLIA DE OLIVEIRA
FERNANDES⁵.

1,2. EMBRAPA, JUIZ DE FORA - MG - BRASIL; 3. UFVIÇOSA, VIÇOSA - MG - BRASIL; 4,5. UFJF, JUIZ DE
FORA - MG - BRASIL;

**OS EFEITOS DA CRISE FINANCEIRA DE 2008 NA CADEIA PRODUTIVA DO LEITE
BRASILEIRA**

**EFFECTS OF THE FINANCIAL CRISIS OF 2008 IN BRAZILIAN MILK
PRODUCTION CHAIN**

**Grupo de Pesquisa: SISTEMAS AGROALIMENTARES E CADEIAS
AGROINDUSTRIAIS**

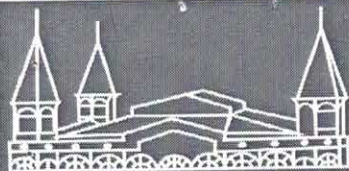
Resumo

Este trabalho objetivou estudar impactos da crise financeira mundial de 2008 sobre a cadeia produtiva do leite brasileira. O principal impacto para a cadeia foi ter perdido a sua participação no mercado internacional e se voltado para o mercado interno. A demanda nacional cresceu rapidamente pós 2008 e não foi afetada pela crise internacional. Com a demanda aquecida e com preços elevados em dólar, o produto brasileiro não é competitivo no mercado internacional e também cede espaço ao produto importado. O consumo vem crescendo mais que a oferta brasileira de lácteos, que tem se dado a custos crescentes. A indústria brasileira tem se mostrado pressionada entre preço do leite ao produtor em patamares elevados, ao mesmo tempo em que há crescimento das margens do varejo, o que comprime as margens da indústria. Esta passa por processo de descapitalização, o que coloca em risco a organização da cadeia produtiva. Portanto, os dados obtidos permitem afirmar que o setor de processamento foi fortemente impactado pela crise de 2008, o varejo não sofreu impacto, e o produtor teve crescimento de preços e custos, o que impede afirmações categóricas sobre impactos, já que os sistemas de produção no Brasil são muito distintos.

Palavras-chave: Leite; cadeia produtiva; sistemas agroindustriais; crise financeira.

Abstract

This study investigated the impacts of the global financial crisis of 2008 on the milk production chain in Brazil. The main impact for the chain was losing its share in the international market and domestic market oriented. The national demand grew rapidly after 2008 and was not affected by the international crisis. With the strong demand for high priced in dollars, the Brazilian product is not competitive in the international market and also gives



way to the imported product. Consumption has been growing more than the supply of Brazilian dairy, which has been given to increasing costs. The Brazilian industry has shown sandwiched between the producer price of milk at high levels, while there is growth in retail margins, which compresses the margins of the industry. This goes through the process of disinvestment, which puts at risk the organization of the production chain. Therefore, the data obtained to suggest that the processing sector was heavily impacted by the crisis of 2008, the retail impact has not suffered, and the producer had growth of prices and costs, which prevents categorical statements about impacts, since production systems in Brazil are very different.

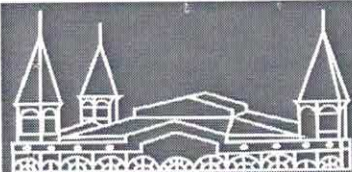
Key words: Milk; supply chain; international market; financial crisis

1. INTRODUÇÃO

A cadeia produtiva do leite no Brasil é uma das mais complexas e extensas. Está presente em todos os estados da federação e apresenta elevada capacidade de multiplicar emprego e renda, conforme constatou Martins e Guilhoto (2001). O setor passou por um processo de desregulamentação a partir de 1991, que ensejou transformações estruturais em sua organização (DE NIGIR, 1997, JANK; GALAN, 2000; BARROS et al., 2001). A produção passou a crescer a taxas anuais superiores às taxas de consumo (MARTINS; YAMAGUCHI, 1998), o que possibilitou um processo de substituição de importação que durou doze anos (1991 a 2003), mesmo num ambiente de abertura de mercado e com moeda nacional valorizada. A partir de 2004 o Brasil se transformou em exportador líquido de leite, revertendo a condição de histórico importador.

Entre o período de 2004 a 2008 o Brasil ingressou no seleto grupo de países exportadores, chegando a colocar seus produtos em mais de oitenta países. Um estudo feito com a participação de mais de uma centena de especialistas brasileiros em 2006 demonstrou a visão hegemônica que se tinha à época quanto ao futuro do Brasil como um dos grandes exportadores mundiais a partir daí (CENÁRIOS, 2007). Esta visão, inabalável naquela época, influenciou investimentos vultosos de pelo menos quatro grandes empresas, que construíram plantas com capacidade de processamento de leite em pó de um milhão de litros cada uma, na expectativa de poderem participar desse esforço exportador. Todavia, a crise financeira mundial iniciada em 2008 levou ao fechamento dos mercados mundiais, prejudicando substancialmente a atuação brasileira nos meses iniciais. A partir de 2009 o Brasil voltou a ser importador líquido de leite. Todavia, o Balanço de Pagamento não evidencia todo o impacto deste novo cenário, que tem afetado a competitividade da cadeia produtiva brasileira, com repercussões diferenciadas entre seus elos. O presente trabalho objetivou estudar o impacto da crise de 2008 na cadeia produtiva do leite brasileiro, buscando evidenciar as repercussões em cada um dos seus três principais elos: produção, processamento e varejo.

2. ANTECEDENTES



O setor de produção de leite brasileiro apresenta dificuldades de modernização, ensejadas por falhas de mercado e políticas públicas, conforme constatou Martins (2003). Necessidade de inversão proporcionalmente elevada em capital fixo, dificuldade de acesso a crédito, baixa instrução formal e de conhecimento técnico da mão de obra usada, pouco acesso à tecnologia, pouca liquidez, baixa produtividade das vacas e reduzido número de cabeças no rebanho por propriedade são alguns dos problemas encontrados no elo primário da cadeia (CARVALHO et al.; RAIOL et al.; MEDEIROS et al.).

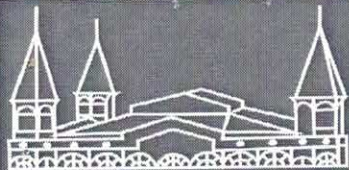
Face à intensa pressão competitiva que se estabeleceu a partir da desregulamentação, tem ocorrido um processo de expulsão de produtores da atividade. Alves et al. (2011) comparou os censos agropecuários de 1996 e 2006 e verificou que 1996 eram 1,81 milhões de produtores de leite no Brasil, enquanto que em 2006 eram 1,35 milhões, ou 26% menos produtores. Todas as cinco regiões do Brasil reduziram o número de propriedades produtoras. Nesta década intercensos um produtor deixou a atividade a cada onze minutos.

No que se refere ao setor de processamento, ocorreram fusões e aquisições importantes, além da chegada de empresas de capital financeiro e da participação do BNDES na composição do capital de grandes empresas. Isso, sem contar as experiências de abertura de capital em bolsa experimentadas pela primeira vez por empresas do setor. Era de se esperar que esses movimentos levassem a uma concentração de mercado. Todavia, tal fenômeno não foi constatado por Barros et. al (2010). Para estes autores, de 1998 a 2008 ocorreu a expansão das organizações menores em razão da redução da participação de mercado de um grupo das empresas líderes, em especial, pela diminuição da parcela de mercado da Parmalat. Essa empresa passou por uma crise financeira e um crescimento desordenado nos últimos anos, de forma que, a partir de 2004, deixou de ocupar a segunda posição, passando para a quarta no *ranking*. A análise de índices de concentração feita por estes autores demonstrou que o setor esteve mais desconcentrado porque os grupos menores passaram a atuar no mercado em segmentos mais amplos. Já as maiores empresas, ao longo de dez anos, perderam participação no mercado. Os autores afirmam que, pelo teste de causalidade de Granger, não é possível identificar o exercício de poder de oligopsonia por parte do varejo ou da indústria, sendo mais um indicador de que o setor não possui forte concentração. Por outro lado, as cooperativas perderam espaço neste período, conforme constatou Martins et al. (2005).

3. IMPACTOS DA CRISE FINANCEIRA NA CADEIA PRODUTIVA

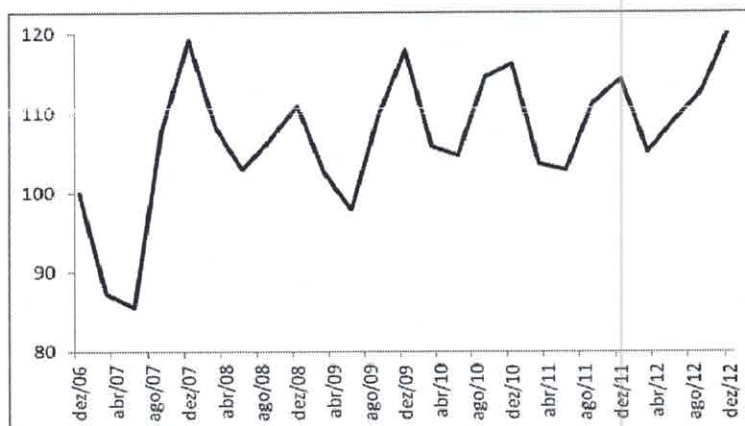
No mercado mundial ocorreu uma retração significativa de preços em 2009, como reflexo do mercado mundial ter ficado muito estreito. O fenômeno mundial de encurtamento de mercado, que atingiu a todos os setores sem distinção, naturalmente atingiu o comércio de leite e derivados mundial. Naturalmente, o mercado brasileiro também foi impactado. A Cooperativa Itambé, que era responsável pela metade das exportações brasileiras e empregava cerca de 27% de toda a sua captação na produção de produtos para o mercado internacional, foi impactada em 2008 e viu praticamente tornar próxima de zero suas exportações já em 2009, de acordo com depoimento de seus dirigentes.

3.1 Produção



O Brasil coloca-se como o quinto maior produtor de leite do mundo, de acordo com o Banco de Dados da Embrapa Gado de Leite. Em 2008 a produção nacional foi de 27,1 bilhões de litros; em 2009, foi 29,1 bilhões; em 2010, de 30,7 bilhões; em 2011, foi de 32,1 bilhões e, em 2012, a estimativa é que tenha chegado a 32,9 bilhões. A produção nacional cresce continuamente, desde 1994. Entre 2008 e 2012 o crescimento foi de 21,4%, percentual significativo, considerando a crise financeira internacional ocorrida exatamente neste período, que reduziu o tamanho dos diferentes mercados em todo o mundo. Ademais, a população brasileira cresceu 13,9% em igual período.

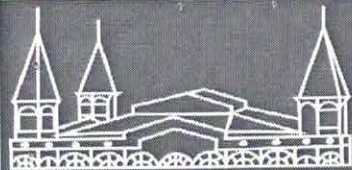
A produção de leite no Brasil mantém a característica de sazonalidade intensa ao longo do ano. A Figura 1 reproduz o comportamento do Índice Mensal de Captação de Leite do Cepea/Esalq/USP. Este índice é uma “proxi” da produção mensal de leite brasileira que vai para o mercado, já que considera somente captação de leite por empresas que tem o selo de inspeção federal. Em 2007, a produção caiu de janeiro a maio e cresceu 45,8% de maio a dezembro. O comportamento de “serrote” verificado no desenho traçado pela curva de captação se manteve durante todo o período, não podendo ser atribuído um comportamento derivado da crise internacional. Ao contrário, a volatilidade na captação continuou intensa, mas foi reduzida após o início da crise. Em termos médios, a captação cresceu 10,3% em 2008, quando a crise ainda era desconhecida no campo. Em 2009, houve uma queda de 1,2% na captação, mas um registro de crescimento de 2,9% em 2010 e uma queda de 10,8% em 2011. O período 2008-2012 fechou com crescimento de 13,1% em 2012. Portanto, é possível que fatores climáticos, representados por seca no sul do Brasil e na região do Cerrado expliquem melhor este comportamento que fenômenos de mercado derivados da crise internacional.



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

Figura 1. Comportamento do Índice mensal de Captação de Leite. Brasil. dez./2006 a dez./2012 (dez./2006 = 100)

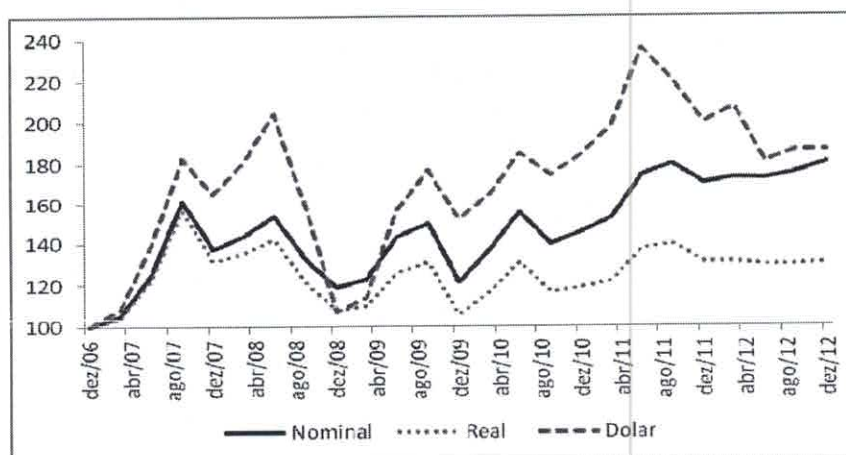
A Figura 2 apresenta os preços recebidos pelo produtor, tendo por base a pesquisa mensal do Cepea/Esalq/USP. Os valores reais foram obtidos tendo como deflator o IPCA de dezembro de 2012 e os valores em dólar americano foram convertidos para o dólar comercial



do último dia de cada mês. Como se percebe, os valores dolarizados apresentaram maior volatilidade e todos os preços tiveram variação positiva, o que inclui os preços deflacionados pelo IPCA.

O comportamento dos preços nominais demonstra que houve uma tendência de queda de preços entre agosto de 2007 e dezembro de 2008, quando os preços inverteram a tendência e apresentaram comportamento altista. Já a curva de preços reais demonstra tendência de estabilidade desde dezembro de 2010, embora com certo nível de volatilidade. Em dezembro de 2012 o produtor recebeu 30,6% a mais em termos reais, ou seja, descontada a inflação, pelo litro de leite entregue, em relação a janeiro de 2008. Já em dólar os preços recebidos pelo produtor cresceram significativamente no período. Saíram de US\$ 0,23 em janeiro de 2007 e fecharam o período em US\$ 0,43. Entre abril e outubro de 2011 o preço ficou acima de US\$ 0,50 o litro recebido pelo produtor, o que colocou o leite brasileiro na faixa dos mais caros do mundo, de acordo com IFCN (2012).

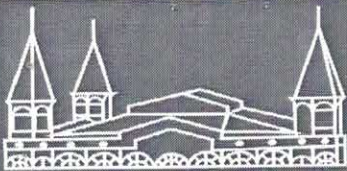
Os dados apresentados permitem afirmar que a crise não comprimiu os preços recebidos pelos produtores. Ao contrário, neste período houve uma valorização dos preços em níveis superiores ao da inflação. Contudo, o elevado preço do leite recebido pelo produtor quando convertido em dólar pode explicar em boa parte o fato do Brasil não ter voltado ao mercado internacional e, mais que isso, ter se tornado um importador líquido.



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

Figura 2. Preço recebido pelos produtores de leite expresso em valores nominais, reais e convertidos em dólar americano. Brasil. dez./2006 a dez./2012 (dez./2006 = 100)

Se em termos nominais e reais o preço recebido pelo produtor cresceu entre janeiro de 2008 e dezembro de 2012, os custos apresentaram comportamento similar. Os itens concentrado e mão de obra representam de 50% a 70% dos custos de produção da grande maioria das propriedades rurais, conforme constataram vários estudos, dentre os quais Parré et al. (2010), Ponchio (2006) e Martins (2002). Conforme Tabela 1, estes itens apresentaram variação de preços bem superior à variação de preços pelo produtor. Concentrado teve uma variação de 129,7% e Mão de Obra 96,1%, enquanto o item produção de alimentação volumosa ficou próximo, com crescimento de custos de 73,5% no período. Portanto, não há



evidências que tenha ocorrido uma elevação de margens dos produtores no período, ou seja, os custos apresentaram tendência de comportamento autista dos preços recebidos pelos produtores. O crescimento do preço pelo produtor em 80% no período não é garantia de que houve melhoria de rentabilidade. Os dados disponíveis neste trabalho não permitem afirmações neste sentido.

Tabela 1. Variação Percentual de Preços. Minas Gerais. Janeiro/2006 a Dezembro/2012

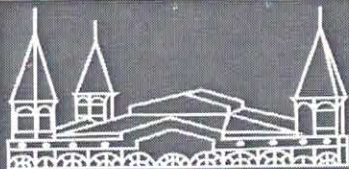
Itens de Custo	Variação Percentual
Sal Mineral	153,9
Concentrado	129,7
Reprodução	124,9
Mão de Obra	96,1
Preço ao Produtor	80,0
Volumoso	73,5
Qualidade do Leite	69,4
Sanidade	50,5
Energia e Combustível	4,7

Fonte: Banco de Dados Embrapa Gado de Leite

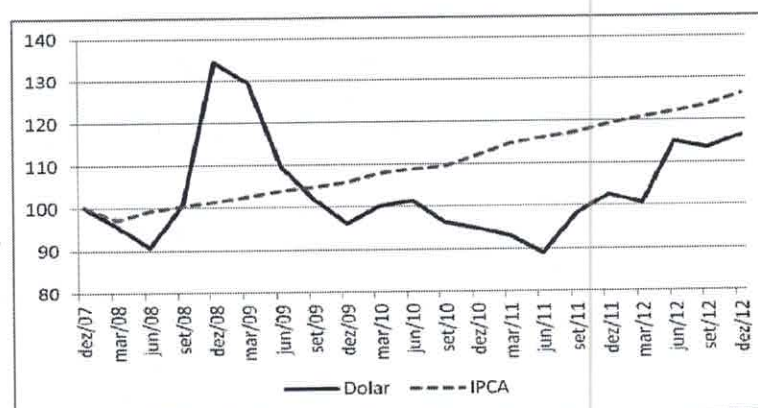
3.2 Processamento

As empresas de laticínios fizeram investimentos consideráveis no período que antecedeu à crise financeira de 2009 objetivando ganhar escala para participar do mercado internacional, já que desde 2004 o Brasil havia se tornado superavitário em lácteos e a perspectiva era que haveria espaço para crescimento do Brasil no comércio exterior, principalmente por meio de exportação de leite em pó e leite condensado. Os preços médios pagos pela indústria ao produtor colocavam o Brasil na lista dos mais competitivos em comparação com outros países concorrentes, naquele momento (IFCN, 2008).

Todavia, com a crise, acrescida da desvalorização do Dólar frente ao Real, a competitividade brasileira se esvaiu. A Figura 3 mostra que a cotação do Dólar Americano teve uma queda no primeiro semestre de 2008 frente ao Real e se valorizou vertiginosamente no segundo semestre. A partir daí, ocorreu uma desvalorização contínua. Em junho de 2011 o Dólar Americano valia 53,1% do que em dezembro de 2008, quando inicia-se um período de apreciação, fazendo com que a moeda americana valesse 16,5% mais em dezembro de 2012. Ocorre que, em igual período, os preços internos, medidos pelo IPCA, cresceram 26,2%, o que traduz, grosso modo, em apreciação real da moeda brasileira frente à moeda internacional.

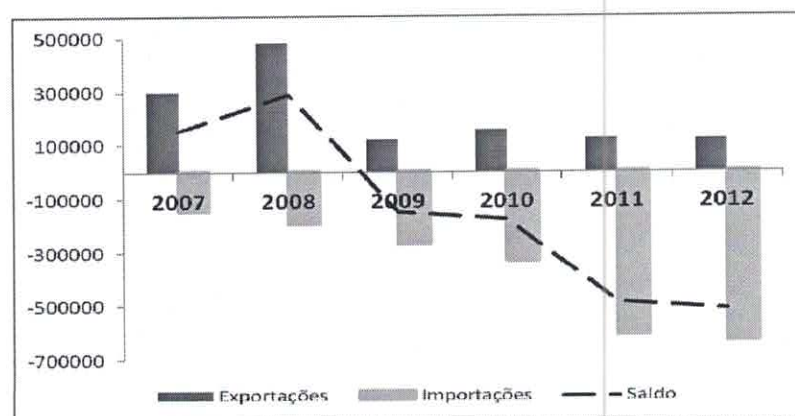


O comportamento do câmbio apreciado, tornando as exportações brasileiras mais caras, é uma explicação parcial para a perda de competitividade pós crise de 2009 da indústria de laticínios brasileira. A Figura 4 mostra que as exportações de lácteos nacionais caíram de US\$ 483 milhões em 2008 para cerca de US\$ 122 milhões a partir daí. Por outro lado, as importações foram de US\$ 144 milhões em 2008 e subiram para a faixa de US\$ 630 milhões em 2012. Portanto, as exportações caíram para 1/4 do que eram, enquanto que as importações se quadruplicaram no período, traduzindo em déficit crescente na balança comercial de lácteos. Em 2008, a corrente de comércio com lácteos foi de US\$ 675 milhões. Em 2009 e 2010 houve queda, correspondendo a 57,6% e 71,9% do que foi registrado em 2008. Nos anos 2011 e 2012 a corrente do comércio foi superior em 8,3% e 11,3%, quando comparado a 2008. Em 2012 a corrente de comércio para lácteos atingiu US\$ 751,6 milhões.



Fonte: Bacen e IBGE (2013) (dez./2006 = 100)

Figura 3. Comportamento do Dólar Americano frente ao Real e variação do IPCA. Brasil. dez./2006 a dez./2012



Fonte: Banco de Dados da Embrapa Gado de Leite

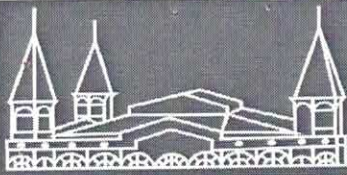
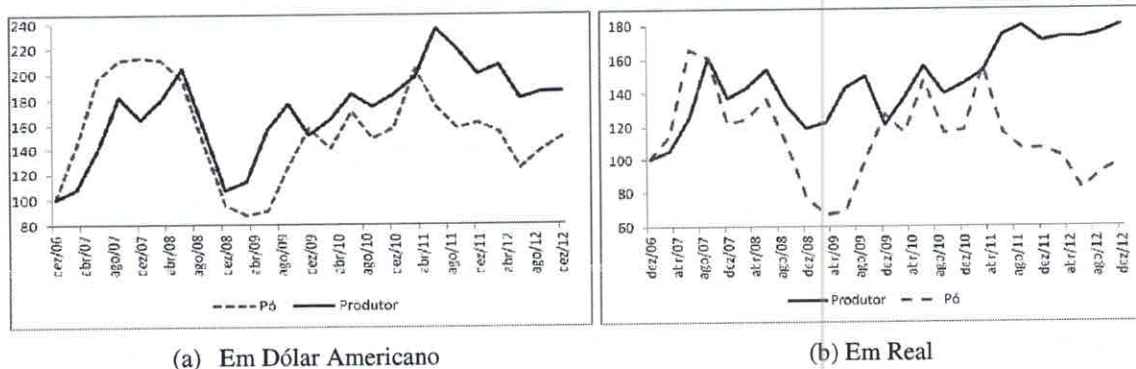


Figura 4. Exportações, Importações e Saldo da Balança Comercial de Látceos em Dólar Americano. Brasil. 2007 a 2012.

O principal produto transacionado no mercado mundial de látceos é o leite em pó. Na Figura 5 são apresentados dois gráficos. Em (a) está apresentado o preço do leite em pó na Oceania, em dólar americano, bem como o preço pago ao produtor brasileiro, convertido em dólar americano. Já em (b) é apresentado o preço nominal recebido pelo produtor brasileiro e o preço do leite em pó na Oceania, convertido em Real. O propósito deste procedimento é procurar isolar o efeito da variação cambial na análise. Como se percebe em (a) e em (b), o preço do leite em pó teve variação superior ao preço recebido pelo produtor brasileiro durante todo o ano de 2007 e na primeira metade de 2008. No segundo semestre de 2008, com valores cotados em dólar, os dois preços apresentaram variação similar. A partir daí as variações dos preços recebidos pelo produtor colocaram-se sempre superiores ao preço recebido pelo produtor.

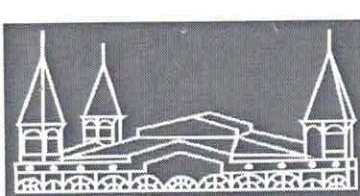
Quando a análise do comportamento dos preços é feita em Real, gráfico (b), percebe-se que há um descolamento da variação de preços ao produtor em relação ao preço do produto “tradable”, ou seja, leite em pó no mercado internacional. Mais que isso, a partir de 2011 percebe-se que ocorreu um distanciamento entre as duas curvas, o que auxilia no entendimento do imenso crescimento do déficit na balança comercial de látceos do Brasil.



Fonte: Banco de Dados da Embrapa Gado de Leite (dez./2006 = 100)

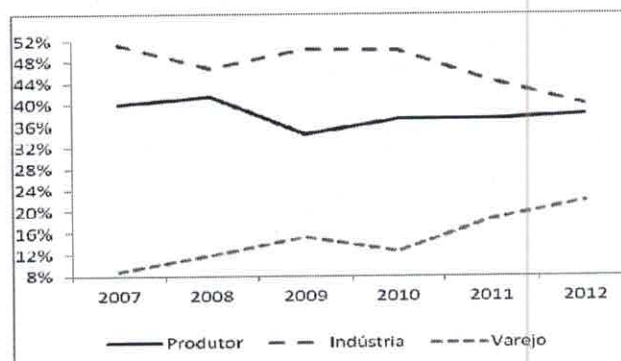
Figura 4. Comportamento dos preços do Leite em Pó na Oceania e pelo Produtor no Brasil, expressos em Dólar Americano (a) e em Real (b). Brasil. Dez./2006 a Dez./2012

Ao adquirir matéria prima do produtor a preços não competitivos em termos internacionais, a indústria de látceos nacional não consegue manter vigor no comércio exterior. Além disso, na disputa que mantém com o varejo vem resultando em perda de margens, conforme se demonstra na Figura 5. Em 2007, o varejo tinha margem (ou markup) de 9% para o leite Longa Vida, enquanto a indústria participava com 51% do preço final do produto. A margem do varejo cresceu até 2009, quando registrou o percentual de 15%. No ano seguinte, o percentual médio da margem do varejo caiu para 13%. A partir daí cresceu para 18% em 2011 e 22% em 2012, enquanto a margem da indústria de laticínios caiu de 50% em 2010 para 44% em 2012. Em síntese, a margem do varejo cresceu 144% após a crise,



enquanto que a margem da indústria é 13,8% menor do que era antes da crise se iniciar. Portanto, o encurtamento de margem da indústria é resultante de conflito intracadeia e não resultante da crise financeira.

Após a crise internacional a indústria passou a experimentar dificuldades de realização de caixa e o mercado passou a conviver com frequentes boatos de empresas que estão em situação difícil de sustentabilidade financeira. A maioria das empresas do setor é de capital fechado, o que as desobriga de divulgar resultados. Todavia, aquelas que são cooperativas ou tem ações comercializadas em bolsa apresentaram resultados desfavoráveis pelo menos após 2011 e também em 2012.

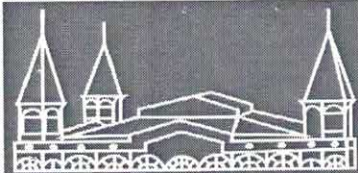


Fonte: Banco de Dados da Scott Consultoria

Figura 5. Percentual de participação por segmento da cadeia produtiva de leite na formação do preço ao consumidor do Leite Longa Vida. São Paulo. 2007 a 2012.

Em 2010 surgiu a Lácteos Brasil, uma empresa que se formou da reunião empresários do setor, um grupo de investimentos e o BNDES. Esta nova empresa se colocou entre as maiores empresas brasileiras desde o início. Contudo, desde sua criação não apresentou EBITDA positivo e encontra-se em recuperação judicial desde o início do presente ano. Por outro lado, a CCPR/Itambé, a maior cooperativa brasileira de leite, comunicou ao mercado a criação de uma “joint venture” com o laticínio Vigor, que também tem o BNDES como controlador minoritário, o que irá permitir a redução do estoque de sua dívida. Estes dois fatos recentes, ocorridos em 2013, além da notícia de laticínios em insolvência no interior do Brasil, levam o mercado a se manter em alerta permanente, ante a novos fatos financeiros que envolvam a cadeia produtiva do leite brasileiro.

Sobre o parque industrial, como afirmado anteriormente, houve um processo de expansão razoável da capacidade de processamento no período que antecedeu à crise. Foram feitos investimentos na produção de leite em pó e leite condensado, que eram os dois principais produtos lácteos brasileiros de exportação. Com a crise, houve uma forte retração do comércio de lácteos em 2009 e dois fenômenos a partir daí ocorreram. As empresas que exportavam tiveram de fazer um esforço razoável de mudar de estratégia e focar o mercado interno.



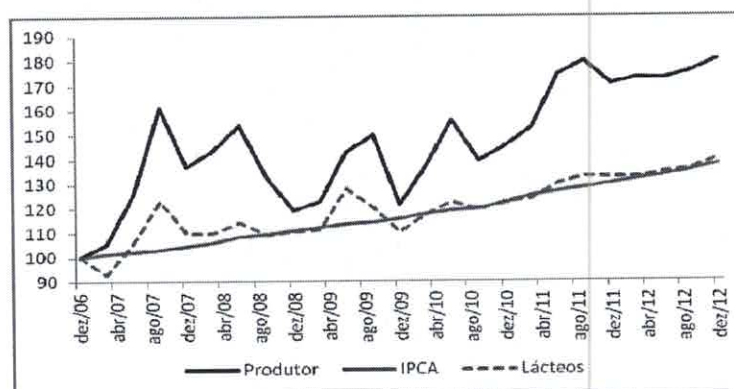
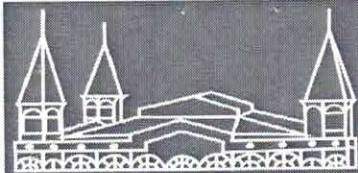
Ocorre que a demanda potencial interna não era para leite condensado e leite em pó, mas para iogurtes, bebidas lácteas com sabor e alguns tipos de queijos. Então, estas empresas tiveram de destruir margens, reduzindo preços, bem como tiveram que investir em fábricas apropriadas à demanda interna e passaram a conviver com ociosidade nas unidades fabris existentes, estruturadas para a produção externa. Margens menores, novos investimentos não programados e elevada ociosidade do custo fixo fabril significaram perdas consideráveis derivadas da crise financeira para a indústria brasileira de laticínios.

3.3 Varejo

A população brasileira cresce a uma taxa de 1,8% ao ano. Já o consumo per capita de leite cresce a uma taxa superior. Em 2008 o consumo por habitante/ano foi de 140 litros. Em 2009, cresceu para 153 litros; em 2010, foi de 161 litros; em 2011, foi de 167 litros e a estimativa é que tenha chegado aos 172 litros em 2012. Contribuiu para esse desempenho o crescimento da renda da população de menores estratos, bem como a execução de programas sociais de transferência de renda. Entre 2008 e 2012 a população brasileira cresceu 13,2% e o consumo per capita de leite cresceu 22,9%, o que criou um grande estímulo para toda a cadeia produtiva.

O mercado de leite brasileiro apresenta transmissão de preços bem comportada, de acordo com Furquim de Azevedo e Politi (2006) e Aguiar e Santana (2002). Dado o peso elevado do leite fluido na destinação da produção nacional, leite é um exemplo tradicional de produto em que as curvas de preço recebido pelo produtor e ao consumidor apresentam comportamento similar. Todavia, a Figura 6 mostra resultado diferente a esta afirmação para o período pós crise. O preço de leite recebido pelo produtor variou muito acima do preço dos lácteos no varejo e em relação ao IPCA.

No segundo semestre de 2009 houve uma queda de preços tanto recebido pelo produtor quanto no varejo, que é o período em que ocorre maior similaridade no comportamento das curvas. A partir daí a amplitude de variação de preços no varejo foi restrita e sempre próxima à variação da inflação, representada pelo IPCA. Ao analisar as curvas de preços de lácteos e recebidos pelo produtor percebe-se que no período houve fraca vinculação. Em dezembro de 2012 o preço recebido pelo produtor acumulou variação de preços de 80,0%, contra 37,8% para o IPCA e 40,0% para o conjunto de lácteos. Portanto, os preços na gôndula do supermercado tiveram variação pela metade que o registrado para o produtor.

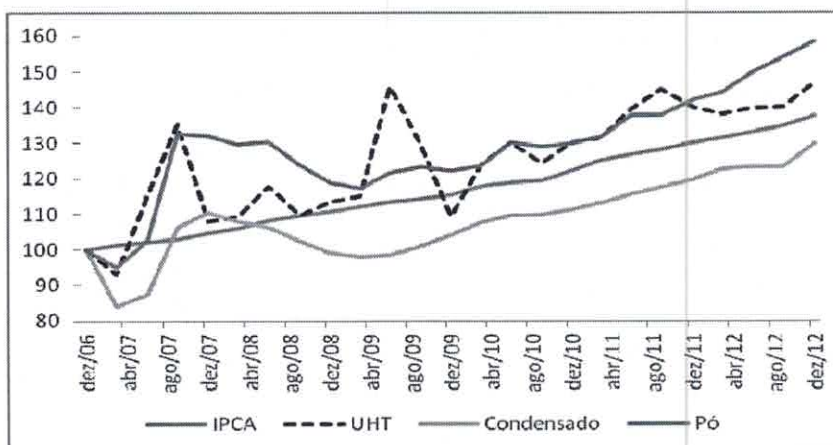
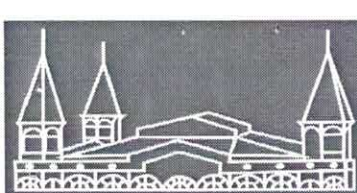


Fonte: Banco de Dados da Embrapa Gado de Leite (dez./2006 = 100)

Figura 6. Comportamento dos preços recebido pelo produtor, dos lácteos e do IPCA. Brasil. Dez./2006 a Dez./2012

O leite Longa Vida apresentou forte volatilidade em todo o período de análise, conforme Figura 7. Com fracas barreiras à entrada, o mercado deste produto assemelha-se ao de commodities, pois há pouca fidelidade a marcas. Todavia, o comportamento de preços demonstrou que este produto contribuiu para elevar a inflação no período pós-crise financeira, o que demonstra que o produto não teve os preços impactados pela crise. Em dezembro de 2012 o leite Longa Vida acumulou variação de preços de 46,8% contra 37,8% do IPCA. O mercado de leite em pó registrou queda de preços contínua, totalizando -14,3%, de maio de 2008 a fevereiro de 2009. A partir daí os preços estiveram sempre acima da inflação e, em dezembro de 2012 acumulou variação de 58,3%.

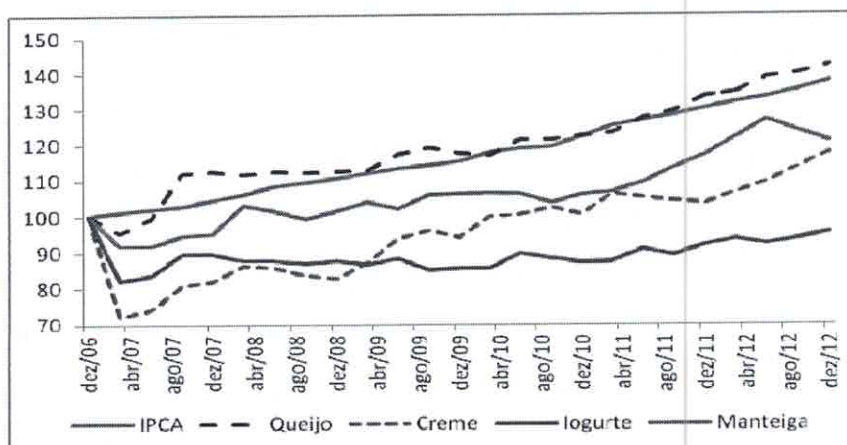
No mesmo período, o leite condensado apresentou comportamento de curva bastante semelhante ao do leite em pó. Todavia, a variação esteve abaixo da variação registrada para o IPCA. No período, a variação de preços acumulada foi de 30,0%. Dois fatores explicam o baixo crescimento dos preços, se comparado com o leite em pó. O mercado internacional para o leite em pó é grande, se comparado com o leite longa vida, que é nicho de mercado em termos internacionais. Com a dificuldade de colocação da produção no mercado externo toda a produção teve de ser destinada ao mercado interno, que se mostra cada vez mais resistente a consumir produtos calóricos. Ademais, isso ocorreu num momento em que havia expansão da produção interna, com a entrada em operação de novas plantas industriais.

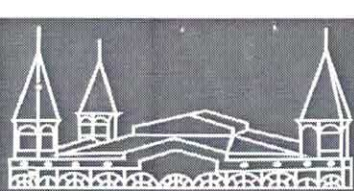


Fonte: Banco de Dados da Embrapa Gado de Leite (dez./2006 = 100)

Figura 7. Comportamento dos preços do Leite Loga Vida (UHT), Condensado e em Pó e do IPCA. Brasil. Dez./2006 a Dez./2012

A Figura 8 mostra que o preço do queijo variou próximo da inflação. No período analisado acumulou variação de preços de 41,9% contra 37,8% do IPCA. Já creme de leite, manteiga e iogurte tiveram variação abaixo do IPCA. Creme de leite e manteiga, respectivamente com 17,4% e 29,9% de variação acumulada nos preços, são produtos que vem apresentando tendência de queda de preços reais na última década, dada a resistência do consumidor em expandir a aquisição desses alimentos essencialmente gordurosos. Portanto, a variação de preços abaixo da inflação nada tem a ver com a crise de 2008. Já o iogurte se transformou em commodity no Brasil, com natural destruição de valor. Uma prova disso é a busca de produtos com novas características, como iogurtes funcionais dos quais o Activia é um exemplo, bem como produtos superiores, de sabores pronunciados, como os da linha grego. O iogurte teve variação de -4,82% do período. Portanto, em termos nominais, foi vendido a preços menores em dezembro de 2012 que em janeiro de 2008.





Fonte: Banco de Dados da Embrapa Gado de Leite (dez./2006 = 100)

Figura 8. Comportamento dos preços do Queijo, Manteiga, Creme de Leite e Iogurte e do IPCA. Brasil. Dez./2006 a Dez./2012

4. Conclusão

O objetivo deste trabalho foi o de estudar os possíveis impactos da crise financeira mundial de 2008 sobre a cadeia produtiva do leite brasileira. Os resultados obtidos permitem afirmar que o principal impacto para a cadeia foi ter perdido a sua participação no mercado internacional e voltado a ofertar seus produtos basicamente no mercado interno.

Apesar de ser frequente a argumentação favorável a adoção de medidas discriminatórias à importação, o que se verificou é que a demanda por laticínios no Brasil cresceu rapidamente neste período e não foi afetada pela crise internacional. Com a demanda aquecida e com preços elevados em dólar, o produto brasileiro não é competitivo no mercado internacional e também cede espaço ao produto importado. O consumo vem crescendo mais que a oferta brasileira de laticínios, que tem se dado a custos crescentes e não competitivos.

Já a indústria brasileira tem se mostrado pressionada entre preço do leite ao produtor em patamares elevados, ao mesmo tempo em que há crescimento das margens do varejo, o que comprime as margens da indústria que passa por processo de descapitalização, o que coloca em risco a organização da cadeia produtiva.

Portanto, analisando os três principais elos que compõem a cadeia é possível afirmar que o setor de processamento foi fortemente impactado pela crise de 2008, o varejo não sofreu impacto, e o produtor teve crescimento de preços e custos, o que impede de avaliar os possíveis impactos, já que os sistemas de produção no Brasil são muito distintos.

5. Referências Bibliográficas

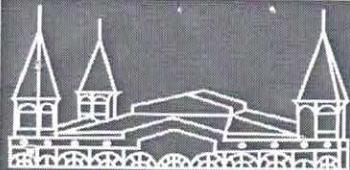
Aguiar, D.; Santana, J. Asymmetry in farm to retail price transmission: Evidence from Brazil. *Agribusiness*. Volume 18:1, pag. 37–48, 2002

Alves, E., Silva e Souza, G., Rocha, D. P. e Marra, R. **Fatos marcantes da agricultura brasileira**. 2011. 21p. *no prelo*

Barros, G. S. C.; BACCHI, M.R.P.; GALAN, V.B. Influência das importações nos preços do leite no mercado brasileiro. XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL. SOBER. Rio de Janeiro. *Anais*. 2001. CD room.

Barros, F. L. A.; Ferreira de Lima, J. R. e Fernandes, R. A. S. Análise da Estrutura de mercado na cadeia produtiva do leite no período de 1998 a 2008. *Revista de Economia Agronegócio*, vol. 8 n. 2010

Carvalho, F. M.; Ramos, E. O. e Lopes, M. A. Análise comparativa dos custos de produção de duas propriedades leiteiras, no município de Unaí-MG, no período de 2003 e 2004. *Ciência Agrotécnica*, Lavras, v. 33, Edição Especial, p. 1705-1711, 2009



CENÁRIOS PARA O LEITE NO BRASIL EM 2020. Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite, 2007. 190 pag.

De Nigri, J. A. As empresas multinacionais e a reestruturação do complexo lácteo brasileiro nos anos 90. XXX Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural. **Anais**. 1997. CD ROOM.

Jank, M. S. e Galan, V. B. Desafios do sistema agroindustrial do leite no Brasil. **Preços Agrícolas**. USP/ESALQ-DEAS e CEPEA. Ano XIV. N. 160. Fev./2000. 09-13p.2000;

INTERNATIONAL FARM COMPARISON NETWORK. **Dairy Report 2008**. Alemanha. 2008. 196 pag.

INTERNATIONAL FARM COMPARISON NETWORK **Dairy Report 2012** Alemanha. 2012. 212 pag.

Furquim de Azevedo, P. e Politi, R. Concorrência e estratégia de precificação no sistema agroindustrial do leite. XLIV Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural. **Anais**. 2006. CD ROOM.

Martins P. do C. **Políticas públicas e mercados deprimem o sistema agroindustrial do leite**. Juiz de Fora. Embrapa. 2004. 196 p.

Martins, P. do C.; Álvares, J. G. e Barros, G. S. O. **O futuro do cooperativismo de leite**. Juiz de Fora. Embrapa. 2005.

Martins, P. do C.; Guilhotto, J.J.M. Leite e derivados e a geração de emprego, renda e ICMS no contexto da economia brasileira. In: GOMES, A. T.; LEITE, J.L.B.; CARNEIRO, V. (edit.). **O agronegócio do leite no Brasil**. Embrapa Gado de Leite. Juiz de Fora-MG. 2001. 181-205 pag.

Martins, P. do C.; Yamaguchi, L. C. T. Globalização, políticas de estabilização e reflexos no agronegócio do leite brasileiro. XXXVIII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural. **Anais**. 1998. CD ROOM.

Medeiros, J. G.; Gomes, A. L. Oliveira, J. S. Indicadores da pecuária de leite no estado do Rio de Janeiro: uma abordagem da função de produção. 47^o. Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. **Anais**. 2009. CD ROOM

Ponchio, L. **Produtividade, custo e lucro na produção de leite no Brasil**. Piracicaba. 2006. 174pag. (dissertação de mestrado)

Raiol, L. C. B.; Souza dos Santos, M. A.; Rebello, F. K. Fontes de crescimento da pecuária leiteira no nordeste paraense no período de 1990 a 2007. 47^o. Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. **Anais**. 2009. CD ROOM.

Parré, J.L.; Bánkuti, S. M. S; Zanmaria, N. A. Perfil socioeconômico de produtores de leite da região sudoeste do Paraná: um estudo a partir de diferentes níveis de produtividade. **Revista de economia e agronegócio**. Vol. 9, n.2. 2010